

Paulo Hartung é o novo benemérito do Instituto

Palavra do Presidente

Fundado em 1916 e ostentando o título de organização cultural mais antiga de nosso Estado e em constante atividade, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo vêm publicando, há mais de 50 anos, sua Revista anual, que divulga, preponderantemente, o pensamento de seus sócios, a respeito de história e geografia, em estudos, ensaios, crônicas, relatos e comentários.

Estretanto, nos últimos anos, com a expansão marcante de suas atividades, o crescimento de seu quadro de sócios e o interesse que está despertando em todo o meio cultural capixaba, estamos sentindo a necessidade de uma publicação mais frequente, para melhor divulgar seus programas, suas realizações e suas iniciativas.

Assim, com aprovação de toda a Diretoria, resolvemos publicar este Boletim Informativo, que, inicialmente, será trimestral, porém, mais tarde poderá ser mensal, dependendo da aceitação por nosso quadro de associados.

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo tem planos conscientes de ampliação, visando a melhor atingir seus objetivos de preservação de nossa história e de nossa geografia.

Neste ano, por exemplo, vem desenvolvendo um grande esforço no sentido de criar Núcleos independentes em vários municípios do Estado. Já temos instalados os Núcleos de Cachoeiro de Itapemirim, Linhares, Colatina e Santa Maria de Jetibá, criamos, mês passado, o de Vila Velha e estamos em entendimento para criar os de Anchieta, Guarapari, Santa Leopoldina e Venda Nova. Certamente, núcleos em outros municípios serão objeto de interesse e de entendimentos.

Para realização de todo esse trabalho, este boletim que hoje lançamos, com suas informações e suas notícias, será certamente da maior importância.

Esperamos, portanto, que seja bem recebido e mereça todo o apoio de nosso quadro de associados e de nossos amigos.

Vitória, agosto de 1995

Orlando de Moraes
Presidente

Na Assembléia Geral de 17-05-95 foram eleitos os novos sócios. Destaca-se pela justiça da medida a eleição do prefeito Paulo Hartung como sócio benemérito da CASA DO ESPÍRITO SANTO. Os demais eleitos foram:

SÓCIOS EFETIVOS

- 01 - Aloísio Medeiros
- 02 - Antonio Franklin Moreira da Cunha
- 03 - Antonio José Miguel Feu Rosa
- 04 - Antonio da Silva Monteiro
- 05 - Aurélia Herminia Castiglioni
- 06 - Fernando de Almeida Silva
- 07 - Henrique Mello de Moraes
- 08 - Humberto Del Maestro
- 09 - Ilton Louvem
- 10 - Izabel Lacerda Salviano da Costa
- 11 - Jorge Alencar
- 12 - Joemar Dessaune
- 13 - Josafat Joaquim Costa
- 14 - Júlio de Oliveira Pinho
- 15 - Klinger Marcos Barbosa Alves
- 16 - Luiz Ferraz Moulin
- 17 - Sebastião Maciel de Aguiar
- 18 - Marcia Maria Araújo de Abreu
- 19 - Maria Cilda Soares da Costa
- 20 - Maria das Graças Silva Neves
- 21 - Mário Natali
- 22 - Mário Sartori
- 23 - Marlene Loureiro Serrat
- 24 - Tacy Cabral Zardini
- 25 - Vânia Cagnin de Moraes
- 26 - Wania Malheiros Barbosa Alves
- 27 - Zoel Correia da Fonseca

SÓCIO BENEMÉRITO

- 01 - Dr. Paulo César Hartung Gomes.

SÓCIOS CORRESPONDENTES

- 01 - Manoel Lobato
- 02 - Osmar Barbosa
- 03 - Walter Siqueira

O "canto magro" de Jair Amorim

Ele é capixaba e em "algumas palavras" declara seu amor à terra natal: "Sou capixaba quatro vezes" ...Explica o porquê: nasceu em Santa Leopoldina, naquele tempo, há 80 anos, chamada Cachoeiro de Santa Leopoldina. Uma Cidadezinha "pequenina e linda, com seu rio encachoeirado e suas duas pontes". Depois, "nasceu" outra vez, aos seis anos, em Colatina, onde "floresceu" sua adolescência. Mais tarde foi "nascer" outra vez, em Vila Velha, onde fez seus primeiros versos e serestas. Finalmente, Jair Pedrinha de Carvalho Amorim "nasceu" em Vitória, onde terminou os estudos, amou e sonhou: "Fiz tudo que minha juventude e meu desapego às coisas da vida me levaram a fazer por muitos e imprevisíveis caminhos.

O compositor Jair Amorim, parceiro, primeiro de Dunga e José Maria de Abreu, depois de Evaldo Gouveia ("o casamento que mais durou", como diz sua irmã, a jornalista Ivonne Amorim), faleceu em 15 de outubro de 93, vinte dias depois de concluir o livro de poemas que chegou a intitular - e explicar: **Canto Magro** - título tirado de um dos poemas, **Auto Retrato**: "Minha astenia vocabular/feita de impotências rítmicas/deu-me a exata impressão/ de que em vão/eu tanjo e me consagro/ a uma lira de cordas partidas./Meu canto é um canto magro" ...

Em 18 de julho deste ano ele completaria 80 anos. Por isso mesmo, o lançamento do seu livro póstumo faz parte das homenagens. Antes, com era de sua vontade, **Canto Magro**

será apresentado no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, do qual Jair Amorim era membro honorário. Hoje, após a reunião do Instituto, que começa às 16 horas, Ivonne Amorim lerá alguns desses poemas do irmão, entre os 70 selecionados para a edição.

O livro de poesia, com 74 páginas, tem prefácio de Chico Anysio e "orelha" de Rose Marie Muraro. Dois dos poemas homenageiam Vitória, dois Santa Leopoldina, um Vila Velha, e **Rio Doce**, Colatina. Canto de Amor a Vitória, dedicado ao jornalista Hélio Dórea, canta a Ilha que o poeta/compositor jamais esqueceu, e onde deixou suas raízes: "Eu te amo, Vitória/ porque és linda e pequenina/ ante meus olhos capixabas.../Eu te quero para mim/ e te santifico./ E te abençôo/ em nome do Pai, do Filho,/ Vitória do Espírito Santo/ Amém."

"Um pedaço de mim", assim Jair Amorim definiu seu livro - que foi escrito em vários períodos de sua vida. E é, antes de tudo, uma "declaração de amor" à sua terra. Que ele não viu impressa. Como também não teve "direito a soprar as muitas velinhas de um bolo a mais", como lhe desejava Chico Anysio no prefácio, e festejar o "quinto nascimento, depois dos quatro em que foi dado à luz em quatro diferentes cidades da doce terra capixaba que canta uma arte que é Espírito e com um amor que é Santo". Mas que aqui está. Para alegria dos capixabs. E para seu sossego e seu descanso. Em paz. (Marzia Figueira)

(De A Gazeta, 12-04-95)

Expediente

Informativo do Instituto Histórico do Espírito Santo

Editor: *Mariem Calixte*

Comissão: *Miguel Depes Tallon, Irysson da Silva, Renato Pacheco e José Hygino de Oliveira*

Diagramação/Editoração: *Fator 2*

Impressão: *Gráfica Aquarius*

DIRETORIA 1993 - 1996

Presidente - *Orlando de Moraes*

1º Vice-Presidente - *Miguel Depes Tallon*

2º Vice-Presidente - *Léa Brígida de Alvarenga Rosa*

3º Vice-Presidente - *José Hygino de Oliveira*

4º Vice-Presidente - *José Paulo de Sousa Filho*

Secretário Geral - *José Garajau da Silva*

Secretário Adjunto - *Victor Biasutti*

Tesoureiro Geral - *João Bonino Moreira*

Tesoureiro Adjunto - *Paulo Stuck Moraes*

Orador - *José Garajau da Silva*

Vice-Orador - *Aylton R. Bermudes e Neida Lúcia de Moraes*

PARQUE MOSCOSO

Parque Moscoso de lá de trás, de antigamente. Piso de terra, antes do asfalto, do concreto, "Retreta" com a banda de música de nossa briosa Polícia Militar, para início de conversa, um chorinho, um maxixe, uma valsa dolente, sob o comando do Mestre Coutinho. Isto faz tempo... Não havia animais selvagens, muito menos humanos, as soldadescas se divertiam com as graxeias (empregadas domésticas de cama, mesa e fogão). Naqueles tempos mais respeitosos e humanos...

Parque Moscoso, sem grades, amplo em todos os sentidos. Ilha dos amores, onde até mesmo nós outros tínhamos nossos amores, até alta madrugada, sem policiamento. A vida tinha outro sabor. Parque Moscoso de hoje, cercado pelos quatro lados, não nos dá a mesma segurança de outrora, de outros tempos. Havia pista de patinação, ciclismo, para a meninada e mesmo para adultos, quadra de basquete. Os homens mudam o tempo ao seu bel-prazer, construindo uma sociedade sem cabeça, e isto não é progresso. A desumanidade campeia, mesmo entre os nossos mandatários, os fazedores das leis, que são desrespeitadas, avacalhadas pela mediocridade inculta das cidades e mesmo das capitais. Vejamos os exemplos

dos nossos produtores do campo, que para reivindicarem direitos, distribuem seus produtos gratuitamente, enquanto os nosso trabalhadores, sindicalizados reivindicam destruindo as propriedades alheias e mesmo as propriedades públicas, que pertencem a todos nós. Aí temos o que foi no passado pelo então Estado Novo, mantenedores de um regime que acabou com o respeito, com a sociedade e a família.

E agora, você cidadão, que sempre trabalhou pensando em melhores dias, com segurança, respeito, educação e saúde para seus filhos? Façamos um exame do perfil dos nossos representantes e respondam: Para onde fugiram os homens? Busquemo-los, não com a lanterna de Diógenes, porque somente encontraremos pigmeus!

Lembremos: não foi esta liberdade que desejava e pela qual deu a vida o nosso Mártir da Independência Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), e sim uma liberdade com homens, dignidade, respeito e humanidade para todos, sem distinção de cor ou credo. Homem, levanta, caminha respelta tua mãe!

31-05-95

José Hygino de Oliveira

(Taneco)

BICENTENÁRIO DA MORTE DE GIBBON

Palestra proferida no IHGES, em outubro de 1994

Mario Bonzano

Comemoramos, no corrente ano, o bicentenário da morte do grande historiador inglês Edward Gibbon, ocorrida em janeiro de 1794.

Em abril de 1952, Charles Alexander Robinsom J., escreveu a respeito do ilustre historiador: A atualidade e a importância de Gibbon para nós, afora os seus méritos e valor como artista literário, resultam basicamente de uma visão e perspectiva refinadas por um longo avir-se com mais de mil anos de acidentada história. Historiador e filósofo do século XVIII, estava ele muito mais preocupado com o pensamento humano, a criatividade e a corrosão moral do que com a economia e arqueologia, especialidades que surgiram mais tarde; todavia, suas pesquisas dos dados então disponíveis foram assaz minuciosas, ainda que seus juízos pecassem por parcialidade.

Gibbon, pelo que se deduz de seu trabalho, era um apaixonado pela política, pela guerra e pela religião.

Descrevi, diz ele, "o triunfo da barbárie e da religião", chegando a afirmar, em momento melancólico, que a história "pouco mais é do que o registro de crises, loucuras e desventuras da humanidade."

Pertencia à família relativamente abastada. O avô paterno fora provedor do exército britânico e do príncipe Guilherme de Orange, fanático defensor do protestantismo, que destronara o próprio sogro Jaime II.

Mesmo sob a extravagante administração paterna e o declínio econômico da família, Gibbon escreveu: "agradeço pelo fato de não ter nascido escravo, selvagem ou camponês e por viver num país livre e civilizado na era da ciência e da filosofia, e viver numa família de respeitável fortuna.

Após a morte de sua mãe, Gibbon soube tirar proveito de sua solidão desenvolvendo uma grande confiança em si mesmo.

Mais tarde, ao escrever sobre Maomé, afirmou que a conversão enriquece o entendimento, a solidão é a escola do gênio.

Durante a permanência de alguns meses na casa do avô materno, se fechou na biblioteca que lhe fora franqueada e leu livros que o fascinaram: As Mil e uma Noites e os poemas de Homero.

"Gibbon, pelo que se deduz de seu trabalho, era um apaixonado pela política, pela guerra e pela religião."

Nos cinco anos subsequentes, embora passasse por sérios problemas de saúde, lançou-se à leitura de Horácio, Virgílio, Terêncio e Ovídio.

Passou ainda noites em claro tentando conciliar a cronologia do Velho Testamento com a história grega.

Em 1752, chegou ao Magdalena College, Oxford, onde se apresentou com um valioso cabedal de cultura.

Os quatorze meses passados naquela cidade, foram por ele considerados ociosos e improficuos.

Ao cabo de intensas leituras de cunho religioso, influenciado, talvez, pelo grande pensador e orador francês Bossuet, converteu-se ao catolicismo.

O pai imediatamente o retirou

do colégio e o mandou para Lauzanne, na Suíça, entregando-o aos cuidados de certo senhor Pavillard, zeloso ministro Calvinista.

Na sua biografia, mais tarde, o historiador lamenta o isolamento num país estranho, cuja língua mal conhecia. E, para aumentar seu sofrimento, sentia falta de roupa adequada e de dinheiro, tendo que suportar a sovinice do hospedeiro.

Mesmo assim, ele soube respeitar o silêncio do hóspede, encorajando-o ainda aos poucos para que voltasse ao protestantismo.

Pavillard sendo homem de certa cultura, orientou o discípulo na leitura dos clássicos latinos, levando-o também ao estudo da língua grega, o que lhe permitiu ler parte da Ilíada, Heródoto e Xenofonte.

Em sua ânsia de aumentar seus conhecimentos, nos cinco anos passados em Lauzanne, procurou aprofundar-se no estudo da língua francesa, o que lhe permitiu publicar seu primeiro trabalho naquela língua.

Fato, sem dúvida, curioso foi o de ter traduzido para o francês trechos escritos por Cícero, e, passado algum tempo, tê-los vertidos para o latim, para comparar o resultado com o original.

Neste mesmo período travou conhecimentos com a jovem Suzanne Curchod, formosa e inteligente jovem, filha de um ministro calvinista da aldeia de Grassy.

Passados poucos meses, os dois começaram a se visitar com frequência e a trocar correspondências.

Em 1758, Gibbon regressou à Inglaterra, levando como principal objetivo a intenção de solicitar a necessária autorização para o casamento.

O pai, todavia, a negou o que

levou, mais tarde, a escrever; Suspirei como um amante, obedeci como filho.

Procurando superar a frustração amorosa, escreveu em francês um pequeno livro intitulado: Ensaio sobre Estado da literatura, o que veio demonstrar sua capacidade de criticar clássicos, embora tivesse, na época, apenas vinte e um anos.

Fato até certo ponto estranho, foi o ter escrito seu livro ao mesmo tempo em que ocupava o posto de capitão de milícia de Hampshire.

Esta experiência fez com que aprendesse muito a respeito dos homens em ambiente bravo. Tendo durado pouco tempo a vida militar voltou a se dedicar a seus estudos.

E, como recompensa pelo seu bom comportamento, o pai permitiu que tornasse realidade o sonho do filho, que era o de visitar parte da Europa Continental.

Passado um mês após sua desmobilização, já estava em Paris, seguindo pouco depois para Lauzanne, onde encontrou a ex-noiva que ainda o esperava.

Os amigos tentaram reaproximar os dois, tendo sido solicitada até a interferência de Rousseau, que, entretanto, se negou, ao ver indiferença e frieza em Gibbon. Suzanne Cuchod, casou-se mais tarde com um homem que se tornaria famoso nos anos pré-revolucionários da França. Seu eleito foi o grande ministro das finanças - Necker - a quem coube convocar os Estados Gerais, numa tentativa de salvar o país que estava à beira da revolução.

Era o prelúdio da famosa Revolução Francesa.

A filha do casal foi célebre escritora Louise Germaine Stael Necker, mais conhecida como Madame Stael.

Após um ano de permanência em Lauzanne, no inverno de 1761, Gibbon finalmente alcançava sob forte emoção a Cidade Eterna - Roma.

Em carta comunicava ao pai

seu entusiasmo e emoção ao contemplar as famosas ruínas daquela que outrora dominara o mundo.

Em 15 de outubro daquele ano, sentado sobre as ruínas do Capitólio, enquanto ouvia o lento compasso e solene salmodiar dos monges no templo que outrora fora dedicado a Júpiter, surgiu-lhe a idéia de relatar o declínio e a queda daquela cidade, daquele que fora o grande império romano.

Alcançada sua independência pessoal e econômica, começou a escrever o primeiro dos seis volumes, cujo título seria "DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO".

Foi nesta época que sua posição sócio-literária encontrou as portas abertas do mais famoso clube literário de Londres, do qual fazia parte a mais seleta

"Suspirei como um amante, obedeci como filho."

intelectualidade inglesa.

Completada sua posição social, conseguiu uma cadeira no Parlamento, onde permaneceu pelo período de oito anos, ora apoiando o governo, ora oposição, particularmente na fase crítica de independência das colônias americanas.

Tal posição, todavia, foi transitória, pois foi eleito membro da Junta de Comércio e Colonização, "sine cura" que durante três anos lhe rendeu a bela quantia de setecentas libras anuais.

É interessante lembrar que durante sua permanência no Parlamento, não proferiu um único discurso.

A publicação do primeiro volume de seu trabalho em 1776 aumentou a fama do escritor e historiador.

Os três últimos volumes foram publicados em 1778 tornando-o

um autor nacional, o que lhe rendeu grandes elogios.

Mas, ao lado de tantos elogios, recebeu também duras críticas, partidas de elementos ligados ao cristianismo, visto que ele atribuía uma mais rápida queda do império romano à influência do mesmo.

O deão da Catedral de S. Paulo classificou a obra um atrevimento e sarrateiro ataque à cristandade.

Outro escritor, Birkbeck Hill mostrou-se chocado com a indecência de sua linguagem e com a sua fria e erudita obscenidade".

Entre seus grandes admiradores, merecem citação especial o fundador da Escola Clássica, Adam Smith, autor do livro "Riqueza das Nações".

É natural que um trabalho de tão grande vulto encontrasse elogios e restrições. É necessário, entretanto, admitir que Gibbon passou para a história como um dos grandes escritores e pensadores.

A partir de 1793, pensou em publicar uma série de esboços biográficos de ingleses eminentes, começando por Henrique VIII.

Tal não foi possível por causa de sua saúde precária.

Morreu em Londres em janeiro de 1794, com a idade de 56 anos.

Durante a fase mais crítica da segunda guerra mundial, quando a Inglaterra sofria os mais tremendos ataques nazistas e a derrota se apresentava como iminente, o primeiro ministro britânico, Winston Churchill profundo conhecedor da história escrita por Gibbon, buscou nela suas frases majestosas, o mesmo fazendo seu sucessor Attlee.

É realmente importante saber que grandes líderes da democracia ocidental tenham buscado sua inspiração nas lições da antiguidade, confirmando o que Cícero já dissera: *Historia magistra vitae*.

Segundo Charles Alexandre Robinson, a história de uma notável cidade-estado, que

parece ter acumulado êxito e depois a civilização consigo, encontrou em Gibbon um dos seus maiores intérpretes.

A Inglaterra perdeu sem dúvidas, um grande escritor, o mundo ganhou um grande historiador.

Traçado ligeiro esboço da vida do ilustre escritor, parece-nos que vale a pena alguns comentários a respeito da grande obra.

O que de imediato desperta atenção, é o capítulo referente à importância do cristianismo nos últimos quatro séculos do império romano do ocidente.

Poder-se-ia perguntar até que ponto se fez sentir sua influência, cuja consequência foi de apressar o fim do mesmo, tese defendida por Gibbon, o que lhe valeu como já foi dito, as iras do alto clero anglicano e de outras ramificações do cristianismo.

O gradativo avanço da nova religião foi responsável por grandes mudanças na maneira de viver da sociedade romana, embora, a princípio sofresse sérias restrições.

E tais restrições surgiram pelo fato de ser obrigado a viver na clandestinidade.

Havia ainda a fama de que nele eram praticados ritos sangrentos, agravada pela sua origem longínqua.

Entre os romanos seu politeísmo era eminentemente político e visava proteger o estado e aumentar-lhe o poder e prosperidade.

As práticas religiosas deles se constituam num verdadeiro ato de civismo.

A vitoriosa volta dos cônsules e imperadores dos campos de batalha era comemorada com grandes desfiles cívicos, assistidos por toda a população, que terminava no templo de Júpiter, no alto Capitólio, onde era oferecido o sacrifício máximo denominando suetaurília (sacrifício de um porco, uma ovelha e um touro).

O povo aclamava com gritos de triunfo e elevava seus agradecimentos aos deuses.

É evidente que os cristãos não

participavam de tais solenidades, visto que os atos cívicos se misturavam com os religiosos.

A permissividade do politeísmo que criara até deuses protetores do vício se chocava com a rígida moral cristã.

E, como não bastasse, o cristianismo aceitava em suas fileiras membros de todas as classes como patrícios, plebeus, escravos e bárbaros.

É importante lembrar que a conversão dos bárbaros permitiu sua entrada nas fronteiras e, depois nas províncias romanas, o que paulativamente foi quebrando a antiga unidade, facilitando um gradativo desmembramento do que fora outrora o monolítico império.

"Durante a sua permanência no Parlamento, não proferiu um único discurso"

A partir do terceiro século, o cristianismo já se achava tão disseminado nas províncias romanas, que se criara uma hierarquia cristã tão forte que, às vezes, competia com a autoridade civil.

Responsabilizar o cristianismo como único causador do declínio do império romano seria um exagero. Negar, contudo, sua influência a nosso ver, seria desmentir a história. Daí nossa concordância com a tese defendida pelo historiador.

Outro ponto importante da obra de Gibbon é a que faz referência ao uso da língua latina.

Segundo o autor, os romanos eram muito sensíveis à influência de sua língua. Ao lado de seu expansionismo militar eles faziam questão de expandi-las também.

"Tornava-se bastante comum ver povos bárbaros que, jun-

tamente com os costumes o novo idioma."

Assim da África à Espanha, da Gália à Britânia, o latim, embora sofresse natural corrupção, passou a ser língua universal.

Chegou-se a criar um latim denominado castrense, ou seja, um latim falado pelos conquistadores, mas influenciado pelos povos conquistados.

É daí que, segundo Gibbon, as línguas neolatinas buscaram sua origem.

É importante lembrar que o latim foi empregado como idioma nobre nas grandes universidades européias até princípios da idade moderna.

Outro fato focalizado pelo autor e que chama atenção pela sua importância é a extensão das fronteiras romanas, que praticamente, atingiram o mundo conhecido da época, a tal ponto que Roma imperial chamou o Mar Mediterrâneo de "Mare Nostrum", ou seja nosso mar.

A explicação para tantas conquistas, Gibbon a atribui à admirável organização militar e, em particular, às famosas legiões romanas.

Os soldados que as compunham, desde sua incorporação até atingirem a condição de veteranos, recebiam um super adiestramento.

Ao ingressar no serviço militar, o recruta era obrigado a prestar solene juramento que o comprometia a jamais desertar de seu estandarte, a curvar sua vontade às ordens de seus chefes e sacrificar a vida, se necessário, pelo império.

A lealdade das tropas romanas aos seus estandartes era inspirada pela influência conjunto da honra e religião.

A águia romana que brilhava à testa das legiões tornava-se objeto de sua mais funda devoção. Era considerado ímpio e ignominioso o abandono desta insígnia sagrada, mesmo em horas de maior perigo.

O valor do exército imperial alcançou tão grande firmeza e docilidade, que os bárbaros não

puderam imitar.

Outro aspecto destacado por Gibbon em sua história é a gradativa extensão do direito à cidadania romana, dado pela lei imperial.

Roma, a URBS, era de fato e de direito o centro da república e do império.

Mas com o passar do tempo, suas fronteiras atingiram, aos poucos, tanto ao norte como ao sul da península, o que permitiu que todos seus habitantes pudessem contar com as mesmas vantagens, outrora exclusivas dos nascidos na capital.

Assim do sopé dos Alpes à extremidade da Calábria os cidadãos usufruíram de todos os direitos outrora privilégio dos autênticos romanos ou seja dos nascidos "intra muros".

Já era comum a expressão: Cum Romae sis, romanus es.

Se os direitos dos cidadãos romanos tivessem ficado restritos à antigas famílias residentes dentro dos muros da URBS, nomes ilustres não figurariam na constelação dos que lhe deram glórias imortais.

Vultos como Virgílio, Horácio e Títo Lívio não tiveram como berço a capital. Uns se originaram do norte da península, como os dois primeiros, outros de outras localidades nem sempre muito próximas da capital.

O grande orador, escritor e filósofo Cícero, uma das grandes figuras da história romana não era originário da capital.

Se continuarmos a examinar fatos históricos narrados por Gibbon outros encontraremos que se destacaram, se não pelo seu ineditismo, mesmo assim tiveram grande importância tanto na fase republicana como imperial.

Referindo-se a um dos importantes legados que Roma nos deixou, destaca-se a especial citação feita ao nivelamento da situação jurídica dos homens livres.

Ultrapassada a vitória e apagada a distinção entre vencedores e vencidos, Roma substituiu as demais nacionalidades pela sua própria. O que

levou o poeta gaulês Rutilio Namatino, ao regressar à sua terra natal a escrever esses magníficos versos:

Fecisti patriam diversis gentibus unam:

Urbem fecisti quod prius orbis erat.

"Fizeste de povos distintos, uma pátria:

Transformaste em cidade o que antigamente era o mundo."

E finalmente para melhor explicar como se deu o fim do império-romano do Oriente, com a conseqüente queda de Constantinopla, em 1453, última ilha cristã no arquipélago, onde se fixara definitivamente o império da meia lua, Gibbon

"É natural que um trabalho de tão grande vulto encontrasse elogios e restrições."

mostra como os muçumanos conseguiram realizar tal façanha que provocou uma verdadeira reviravolta na história da humanidade.

Apresenta-nos um Maomé não como um simples aventureiro de origem duvidosa, como é comum ver em outros textos históricos.

Segundo Gibbon ele pertencia a uma família nobre, cujos membros eram encarregados de guardar o templo comum denominado Caaba.

Casado com a rica Cadidja, o que lhe permitiu realizar viagens e ter contato com outros povos, aos quarenta anos assumiu o título de profeta.

Rejeitou o culto dos ídolos e misturando crenças locais com o cristianismo e judaísmo, lançou os alicerces de uma nova crença,

cujos ensinamentos foram condensados por Abu-Becre, pai da segunda esposa, num livro denominado CORÃO (em árabe significa ler), verdadeira bíblia dos muçumanos.

Impos-se facilmente a seus contemporâneos, graças à presença dominadora, do aspecto majestoso, olhar penetrante, sorriso benévolo, barba grande e hábitos cortesios.

Educado no meio da mais nobre raça da Arábia, embora iletrado, conseguiu ler o livro da natureza e dos homens. Todos os anos no mês do Ramadã (mês de jejum-abril), recolhia-se numa caverna onde se dedicava à profunda meditação.

Surgiu, assim a fé, que sob o nome de Islã (resignação) foi pregada a princípio na Arábia, espalhando-se rapidamente, graças ao fanatismo de que eram possuídos seus adeptos.

O Djihad, guerra santa como a chamavam os muçumanos, permitiu que eles espalhassem com relativa facilidade sua crença, ocupando todo o Oriente próximo, estendendo-se pelo norte da África, atingindo a própria Europa, depois da travessia do Estreito de Gilbratar.

Constantinopla, último baluarte do cristianismo, em que pese o heroísmo cristão, foi tomada e transformada em grande centro da religião maometana.

A famosa Catedral de S. Sofia foi transformada em mesquita, após a destruição de grandes obras de arte, orgulho da civilização, por contrariarem dogmas do islamismo.

Com a destruição do Império Romano do Oriente, Gibbon terminou sua obra imortal. Sua inspiração nascida ao contemplar as Gloriosas ruínas romanas no alto do Capitólio, tornara-se uma grande realidade.

Ao morrer há dois Séculos (janeiro de 1794) Edward Gibbon poderia como o grande César exclamar: Veni, Vidi, Vici. (Vim, vi, venci).

Programação para o 2º semestre de 1995

Reuniões da diretoria, abertas aos sócios (às 16 horas)

AGOSTO	-	2, 9, 16, 23 e 30
SETEMBRO	-	6, 13, 20 e 27
OUTUBRO	-	4, 11, 18 e 25
NOVEMBRO	-	8
DEZEMBRO	-	6



EVENTOS ESPECIAIS: (ÀS 17 HORAS)

AGOSTO - 23 - Palestra do consócio Armando Marques Vieira "A propósito de um programa florestal para o Espírito Santo".

SETEMBRO - 06 - Palestra do consócio Irysson da Silva sobre "Maria Ortiz"

13 - Palestra do consócio Christiano Woelffel Fraga sobre "Transformações urbanas em Vitória.

- Lançamento da Revista do Instituto.

20 - Palestra do consócio Renato Pacheco sobre "O Capixaba uma pré-visão antropológica".

OUTUBRO - 11 - Reunião estadual de presidentes dos Núcleos Municipais.

25 - Palestra do consócio Mario Bonzano sobre "A ONU".

NOVEMBRO - 22 - Palestra do consócio Joaquim Beato sobre "Zumbi - Trezentos anos de sua morte".

29 - Mesa redonda sobre a Igreja Católica (comemorativa dos 100 anos de instalação do Bispado no E. Santo).

Expositores: José Garajau da Silva, Aylton Bermudes e um representantes indicado pela Cúria Diocesana.

NOTAS

NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS NOTAS

BIBLIOGRAFIA CAPIXABA

Tem sido intensa, no último semestre, a atividade dos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, na produção e lançamento de livros. Citamos, entre outros, os lançamentos de *Atlântico* (edição bilingue) de Marien Calixte, *O mofo no pão*, de Neida Lúcia de Moraes, *"La vita di Vittorio"* de Douglas Puppim, *Maçonaria no Espírito Santo* de Christiano Woelffel Fraga, *Pais permissivos, filhos problema* de Américo Barbosa de Menezes, *A modernização do porto de Vitória* de Maria da Penha Siqueira e "last but not the least", *O Túnel perfeito* de Carlos Nejar. Além disto, o Instituto cedeu sua sede para o lançamento Nacional do livro do trovador capixaba Manoel D'Assunção Boti, *Cantigas de outono*, organizada por nosso consócio Humberto Del Maestro. Como se vê, intensa foi a atividade editorial dos membros do Instituto, nos últimos meses.

A Coordenação Universitária Norte Espírito Santo/UFES, através do PROFIC - Programa de Formação Interdisciplinar Continuada - realizou, nos dias 08 e 09 de maio do corrente ano, em Linhares-ES um Seminário organizado sob forma de Oficinas, entre elas, numa iniciativa pioneira, em Oficina de História, cuja oficinaira foi a nossa consócia e professora aposentada da UFES, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, que abordou especialmente as linguagens e representações na História.

ORAÇÃO

"Santa cana que estais na roça, aguardente pura sem mistura. Venha a nós o vosso líquido, para ser bebida à vossa vontade, assim no boteco como em qualquer briosca. O garrafão nosso de cada dia nos dal hoje; perdoal as vêzes em que bebemos menos, assim como nós perdoamos os que bebem de mais. Não nos deixeis cair atordoados e livrai-nos da Rádio Patrulha e de todo mal, amém."